

Comentário sobre “O ensino de Filosofia na periferia da civilização: desafios para uma crítica contracolonial” de Gustavo Fontes Holanda

Raíla Suelen Pereira Viana¹

O artigo de Gustavo Henrique Fontes de Holanda busca fazer repensar a atual visão de filosofia, que vai muito além da análise acadêmica, e o autor discute o lugar onde falamos e aprendemos a pensar. É preciso se perguntar como ensinar filosofia em um país como o Brasil sem questionar os fundamentos da própria filosofia?

O texto traz à tona uma ideia pouco discutida no ensino filosófico, que é a ideia de tradição europeia, um legado que foi moldado por séculos de colonização e que ainda hoje traz consigo essa mentalidade monolítica.

O conteúdo dos cursos de filosofia ainda é baseado em filósofos como Platão, Kant, Aristóteles, etc., que formaram a base da filosofia europeia e viveram em uma realidade diferente da brasileira. Holanda ressalta que o risco da filosofia é que ela se torne apenas uma repetição de conteúdo em vez de algo que estimule o pensamento crítico.

O autor levanta uma distinção muito importante entre estudar filosofia e aprender a pensar filosoficamente. Em vez de enfiar uma série de conceitos na cabeça dos alunos, ele os incentiva a pensar criticamente sobre a realidade, a história e o contexto, tornando o ensino de filosofia transformador.

¹ Mestranda em Filosofia pelo PROF-FILO IF Sertão PE. E-mail: raila.suelen@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Um dos pontos mais interessantes do texto é quando o autor deixa de lado as ideias iluministas e todos os seus valores (liberdade, dignidade e fraternidade) que são utilizados para legitimar práticas desumanas como o racismo e a escravidão. Isso vai contra a tradição filosófica, pois esses ideais importantes existem no mesmo espaço que as condições brutais e, muitas vezes, não são debatidos em espaços didáticos, mas tratados como meros detalhes históricos.

Críticas ao Iluminismo por escritores como Susan Buck-Moss e Charles Mills colocaram o debate em uma perspectiva histórica e geopolítica mais ampla, revelando as contradições entre os ideais universalistas de liberdade e igualdade e as realidades da colonização e da escravidão que sustentaram a expansão europeia.

O artigo mostra, portanto, que a concepção de natureza humana elaborada pela modernidade ocidental é ela própria racializada, hierárquica e instrumentalizada, minando as reivindicações universais da tradição filosófica europeia.

Essa leitura decolonial do legado filosófico é uma necessidade ética, por que a Filosofia quando ensinada sem um viés crítico é como se apenas a visão europeia fosse à correta e anulássemos todas as outras visões de mundo a partir de diversas culturas.

Outro ponto é a comparação que o autor faz é entre a arte e Filosofia, mostrando que ninguém é capaz de se tornar artista apenas aprendendo técnicas de pintura, da mesma maneira que ninguém se torna filósofo só decorando pensamento dos outros. Para se filosofar de verdade é preciso um exercício crítico, de liberdade de pensamento e imaginação. E é nesse pensamento livre que está à essência real do ensino de Filosofia nas periferias.

Nessa perspectiva, ensinar filosofia não deve ser apenas memorizar conceitos, muito menos repetir pensadores, mas despertar o desejo de pensar e questionar padrões arraigados há séculos. Mas o artigo explora uma questão muito complexa: como ensinar em um modelo educacional onde simplesmente

reproduzir conteúdo é a norma? Como podemos encorajar estudantes cujas vidas são marginalizadas a demonstrar que podem simplesmente filosofar sem nem perceber?

É por isso que a crítica anticolonial é tão importante; não se trata de rejeitar ou excluir filósofos europeus, mas de colocá-los em outra perspectiva. Afinal, a periferia ocidental tem o direito de pensar sobre sua própria realidade. Por exemplo, como a filosofia pode ajudar uma jovem negra de uma cidade suburbana que luta contra o racismo todos os dias a resolver problemas do mundo real? Ou um indígena que vê sua cultura completamente esquecida e apagada? Para que a Filosofia seja algo significativo é necessário que ela caminhe e faça parte da realidade das pessoas.

Para concluir o texto vem trazendo algo urgente o resgate de uma Filosofia que permita a criticidade, colocando os sujeitos do saber educacional, como alunos, comunidade e professores como o centro de seus próprios debates, valorizando perguntas rotineiras que aparecem nas esquinas, favelas, terreiros... Em lugares que a Filosofia tradicionalmente colonial europeia esquece-se de olhar.

O texto de Holanda vem mostrando que mais do que nunca o ensino de Filosofia deve ser repensado, e deve deixar de ser apenas repetição do passado, mas uma criação de futuro, questionando os pilares que sempre sustentaram a ideia de “Filosofia verdadeira”, tornando ensino de Filosofia um convite a uma visão ampla, crítica, ética e profundamente humana.

O artigo não é apenas uma revisão crítica a filosofia tradicional, mas uma reorientação do ensino. Ensinar filosofia não é apenas falar sobre os pensamentos de Kant, Aristóteles ou Descartes, mas permitir que as vozes que ecoam em múltiplas culturas, principalmente em locais improváveis e esquecidos sejam ouvidas e debatidas, problematizando-as e contextualizando-as para que possam se tornar formas legítimas de filosofia.

REFERENCIAS

HOLANDA, Gustavo Henrique Fontes de. O ensino de Filosofia na periferia da civilização: desafios para uma crítica contracolonial. In: *ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE FILOSOFIA*, 17., 2024, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2024.

HOLANDA, Gustavo Henrique Fontes de. O ensino de Filosofia na periferia da civilização: desafios para uma crítica contracolonial. *Revista Cacto - Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online*, v. 5, n. 1, p. e25011, 2025. DOI: 10.31416/cacto.v5i1.1453. Disponível em: <https://semiaridodevisu.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/1453>. Acesso em: 4 maio. 2025.

KOHAN, Walter Omar. *Infância, experiência e filosofia: ensaios de filosofia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LIMA-PAYAYÁ, J. da S. Yby:: Sentido radical de casa. *Kalágatos*, v. 20, n. 2, p. eK23026, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10837>. Acesso em: 3 maio. 2025.

NAGEL, M. . Ubuntu, gender and spirituality:: Transformative justice considerations. *Kalágatos*, v. 15, n. 2, p. 56-70, 2021. DOI: 10.23845/kgt.v15i2.718. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6309>. Acesso em: 4 maio. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul: conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2019.

VERGOLINO, Eduardo Barbosa. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: EPISTEMOLOGIAS E FILOSOFIAS. *Cadernos Cajuína*, v. 4, n. 3, p. 186-194, 2019. DOI: 10.52641/cadcaj.v4i3.317. Disponível em: <https://old.cadernoscajuina.pro.br/index.php/cadcajuina/article/view/317>. Acesso em: 5 maio. 2025.